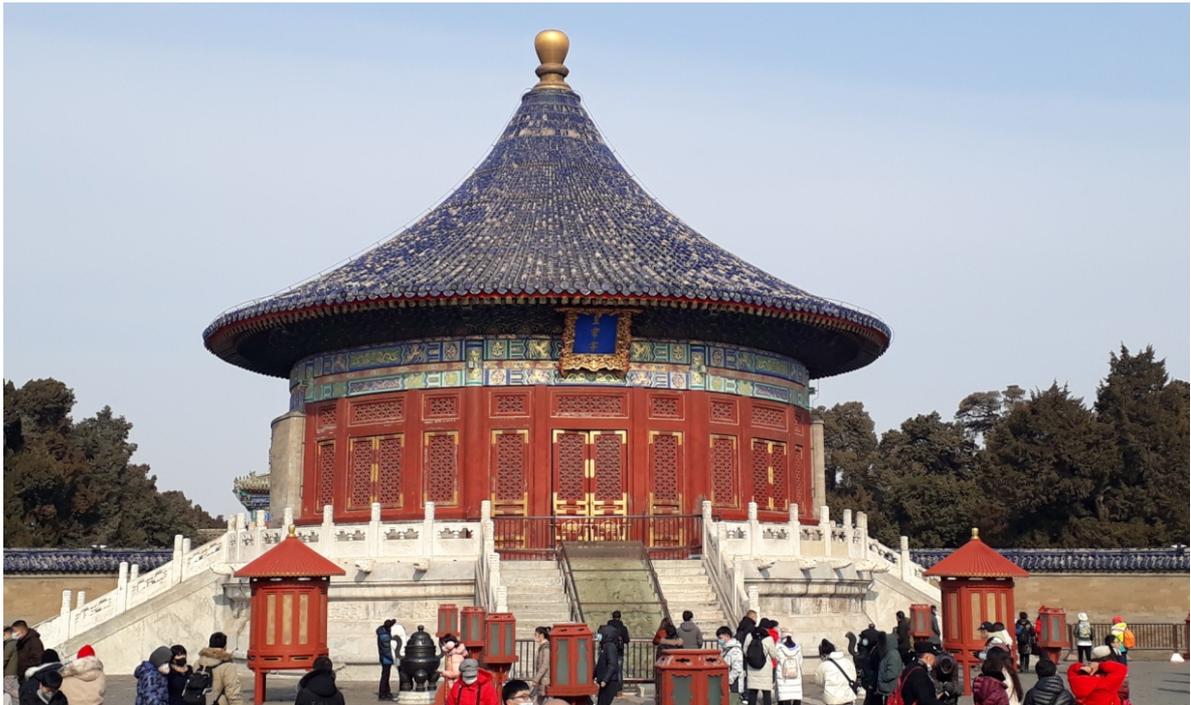


**A ÁSIA
EM
NOSSOS CORAÇÕES**



WALTER ANTÔNIO DE SANTI VERONEZE

Desta vez visitamos (na sequência) Japão, Coréia do Sul, China, Tailândia, Laos e Qatar. Tudo começou com o interesse em visitarmos nossa filha que realizava o intercâmbio no norte do Japão, mais precisamente na ilha de Hokkaido.

Desta forma seria mais prático realizarmos o sonho de conhecermos aquele país e também os demais da relação acima.

Então fizemos a programação com praticamente um ano de antecedência, desde o momento em que ela foi aprovada no intercâmbio (quanto ao seu intercâmbio será abordado em outro livro), até finalmente colocarmos nossos pés na Ásia. Por todos os lados que andamos, mesmo tendo a insistência da “febre” sobre o corona vírus na China, fomos recebidos de forma carinhosa e com aquela pontadinha de que poderia termos ficado um pouquinho mais.

Assim, embarcamos em 14 de janeiro de 2020 em Campo Grande, nossa capital, dando início à nossa viagem rumo a Ásia e pisamos novamente em solo brasileiro em 30 de janeiro em Guarulhos.

Esta viagem foi realizada somente por mim e pela Celma, meus pais não estavam conosco, pois alegaram que a distância seria um empecilho para eles assim como o frio que enfrentariam no Japão. Esta decisão foi muito boa, pois em alguns países como no Japão – na cidade de Tóquio – e também em Pequim na China andamos muito e isto poderia ter sido um problema para eles que já estão com uma idade avançada. Além – claro – do frio como dito anteriormente.

Além de nossa filha que reside na cidade de Kitami, ilha de Hokkaido no norte do Japão, visitamos também outro intercambista que passou alguns dias em nossa casa, mas que também é considerado nosso filho (de coração) na misteriosa Tailândia e onde foi um dos melhores dias que passamos em toda nossa viagem.

Também por lá, mais precisamente, na capital Bangkok encontramos com outra intercambista tailandesa que por aqui passou, residindo em casa de conhecidos e também tivemos uma ligação de amizade com ela e isto foi demonstrado em nosso encontro na capital tailandesa.

Esta viagem, podemos resumir, foi extraordinária e nos aproximou ainda mais das famílias destes meninos e criou um laço extremamente harmonioso com as famílias japonesas que hospedaram nossa filha as quais não nos cansamos de agradecer.

E por lá me comportei e como diz a Celma: *“pelo menos aqui você não fica besta como toda vez na Rússia”*.

Então já chega de conversa fiada e vamos à viagem vos apresentando os 12 voos que pegamos nesta jornada.

OS VOOS QUE PEGAMOS

CAMPO GRANDE – SÃO PAULO

SÃO PAULO – DOHA

DOHA – TOQUIO

TÓQUIO – MEMANBETSU

SAPPORO – SEUL

SEUL – PEQUIM

PEQUIM – GUANGZHOU

GUANGZHOU – BANGKOK

BANGKOK – UBON RATCHATHANI

UBON RATCHATHANI – BANGKOK

BANGKOK – DOHA

DOHA – SÃO PAULO

SÃO PAULO – CAMPO GRANDE

Destes 12 voos que realizamos onze deles foram extremamente confortáveis e sempre no horário e com organização que – infelizmente – nosso país tem muito que aprender, entretanto o último da listagem (São Paulo – Campo Grande) foi um fiasco. Mudança quatro vezes de portão de embarque, sem cadeiras para sentar, desembarque de passageiros por meio de onde os passageiros que vão embarcar estão, atraso de duas horas. É o retorno ao Brasil, um belo cartão de visitas.

INÍCIO – PARTE NO BRASIL

Partimos de Campo Grande, capital de nosso estado, no dia 14 de Janeiro de 2020 as 19:15 horas pelo voo G3 1499 da Gol e chegamos em São Paulo – Guarulhos – as 22 horas.

Como estou magrinho pelo meu acompanhamento médico me dou o direito de comer um McFlurry Prestígio. Então digo para Celma que parece que estou pisando novamente em Moscou. Heidrun, nossa filha islandesa que no final de fevereiro estará novamente conosco envia “boa viagem” e nosso filho natural que reside na Rússia diz “*queria estar com vocês nesta viagem*”.

Partimos de São Paulo as 3:20 horas da manhã rumo à Doha pela Qatar Airways. A conexão que realizamos na capital do Qatar foi rápida e o aeroporto de Doha é incrível e prático, então fomos para a zona de embarque para a segunda etapa da primeira parte da viagem que seria chegar à Tóquio no Japão, passando rapidamente por algumas lojas muito bonitas e tirando rápidas fotografias. Então as 17:45 horas em ponto do dia 16 de Janeiro pisamos no aeroporto de Narita em solo japonês, pelo voo 806 da Qatar.

TÓQUIO

Nosso transfer esperando-nos leva rapidamente ao hotel APA Hotel Hanzomon Hirakawacho, muito confortável e com uma boa localização. Damos entrada neste hotel as 20:40 horas e já recebemos mensagem do guia que será nosso parceiro no dia seguinte para conhecermos a capital japonesa.



Acordamos por volta das 5 horas da manhã e rapidamente estamos no restaurante do hotel para nosso primeiro café em terras japonesas. Um café gigantesco com um monte de comida que nem sabíamos o nome e nem tinha como perguntar. Depois damos uma rápida caminhada ao entorno do hotel e nos encontramos daí com o Carlos Kato nosso companheiro daquele dia, que se mostrou um excelente guia nos levando para diversos



pontos turísticos do Japão e passando por diversas estações de metrô daquela cidade. Então sentimos que:

“o frio da Rússia é acolhedor enquanto o do Japão é um tormento”.

Acredito que de todos os passeios que fizemos pelas cidades visitadas nos países que já pisamos esta de Tóquio

foi a que mais andamos, tanto que quando chegamos ao hotel à noite, não queríamos jantar, apenas nos deitar e descansar. Mas, calma ai pessoal, tínhamos que jantar, afinal estávamos em um lugar novo e tínhamos que aproveitar também a culinária local.



Nosso guia que – no Brasil – era Engenheiro Elétrico – deixou tudo para trás para realizar um sonho de morar em Tóquio com a esposa e construir uma vida tranquila por lá, longe da preocupação constante de assaltos e insegurança da grande São Paulo.

Neste dia passamos por diversas estações de metrô, fomos conhecer a estátua daquele cachorro (Hachiko) que todos os dias esperava seu dono na estação de Shibuya, vimos o cruzamento mais movimentado do mundo – Shibuya – visitamos templos e o comércio local, fomos em lojas diversificadas e à um excelente restaurante.



Raissa diz *“triste né. Também não vou levar vocês para conhecerem nada por aqui. Foram em lugares que eu não fui ai em Tóquio”*. Ele tinha visitado a cidade em três ocasiões.

E complementa: *“parem de ir à lugares que eu nunca fui”*.

Visitamos:

1 – o Distrito de Asakusa e o templo Senso-Ji, o mais antigo templo budista de Tóquio, construído no ano de 645 em homenagem a Kannon, deusa da misericórdia;



2 – Lá tem o portal Kaminarimon e a rua de lojas de souvenirs Nakamise.

Queimamos incensos e tiramos a sorte com os omikujis. Caso a sorte for ruim é só amarrar em um galho por ali mesmo e os deuses cuidarão de afastar o azar, mas a sorte foi boa e continuamos o dia.



3 – O mercado de peixes, Tsukiji Market, praticamente um bairro todo, com casas de venda de peixes por todos os lados;

4 – Vimos a Tokyo Skytree;

5 – Jogamos moedas no templo para trazer a sorte;



6 – Viajamos bastante pelas diversas linhas de metrô da cidade, e numa delas esqueci meu celular numa daquelas máquinas que você compra o bilhete e fomos embora. Quando lembrei o guia voltou lá e pegou o celular – estava no mesmo local.

7 – Comemos diversas delícias nos mercados locais e no mercado de peixes;

8 – Vimos lagos de carpas;

9 – Por todos os lados japoneses com as mascaras (em respeito ao outro para não transmitir gripe, para não ser importunado ou por esconder a não utilização de maquiagem pelas japas... não importa o motivo por todos os lados eles estão com máscaras).

10 – Almoçamos muito bem e utilizando os hashi;

11 – Visitamos um dos prédios onde será utilizado para provas de halterofilismo durante as próximas olimpíadas;



12 - Voltando para casa, ou melhor para o hotel, encontramos a primeira padaria do Japão, construída em 1869 por Yasubei Kimura, um antigo samurai e se chama Buneidou (Kimuraya).



E uma coisa importante, não aguentava mais ver tanto japonês junto. Pelo amor de Deus!

O banheiro do Japão é foda! Tem um monte de botões para você escolher o que quer levar no rab..... e também o assento é aquecido.



Lembrando que nosso guia foi ótimo.

“pra vocês verem como eu sou foda! Aguentei 28 horas de voo sem comer e dormir porque estava passando mal. Quando cheguei no hotel e nos deram a chave do quarto eu fui deitar na cama pra relaxar um pouco e apaguei em menos de um segundo” (Raissa Veroneze).

“Todo mundo come, come agora mãe. Minhas irmãs que não comem porque são frescurentas. Elas não comem vegetais, não comem ovo, não comem carne, etc... A geração de agora (a maioria) odeia peixe, preferem carne” (Raissa Veroneze).



Como disse anteriormente, ao chegarmos ao hotel tínhamos esperança que iríamos tomar um banho e depois sair para jantar, mas o cansaço estava tão grande que preferimos comer algo rápido no restaurante do hotel mesmo e depois subir e após o banho dormir. O que aconteceu rapidamente. Então dormimos e acordamos perto da meia-noite... daí fomos arrumar as malas e conversar com o pessoal no Brasil e aguardar o transfer para nosso embarque para a ilha de Hokkaido.

Resumo de nossa passagem pelo Japão:

“O japonês mais azedo tem cara feliz enquanto que o russo mais feliz tem cara azeda”.

Desculpem ter falado isso do meu povo, mas é assim.... mesmo... (risos).



Dia seguinte amanhece com garoa e frio.

O transfer nos aguarda em frente ao hotel. Fechamos o quarto. Entregamos as chaves. Nos despedimos do pessoal da recepção e vamos em direção ao aeroporto de Haneda para o embarque doméstico para Memanbetsu onde Raissa e sua atual família hospedeira nos aguarda.



Enquanto aguardamos para o embarque Igor escreve para a Raissa *“coloca lá no grupo da família Raissa que ‘já esqueci minha família no aeroporto’”*, afinal quando desembarcamos em Tóquio a primeira coisa que a Celma escreveu para a Raissa foi *“não vai nos esquecer no aeroporto hein filha”*.

KITAMI

O voo para a região de Hokkaido foi muito tranquilo, saímos de Tóquio com -4°C (quatro negativo) e quando desembarcamos em Memanbetsu estava -6°C (seis graus negativos). Durante o voo pudemos ver as montanhas cobertas de neve, toda branquinha



querendo nos dizer que lá estaria ainda mais frio “*se preparem*” talvez fosse a mensagem.

Quando desembarcamos Raissa e sua família hospedeira (Mitsuru, Kayo, Sara e Yura) estava por lá, nos aguardando e então a mensagem de “*putz esqueci minha família no aeroporto*” que ela tinha enviado para deixar – principalmente – sua avó preocupada era brincadeira



Abraços, mais abraços, fotos e mais fotos e então vamos embora do aeroporto.

Logo ali no portão de desembarque poster da equipe local de curling, modalidade olímpica.

No caminho para sua casa paramos num museu onde era uma prisão de Abashiri que nos conta histórias sombrias. Na época da construção da prisão de Abashiri o confinamento na penitenciária era a punição mais severa que um juiz poderia dar a um criminoso na era Meiji, quer seja ele criminoso comum ou político. Iam para lá para construir a penitenciária com as próprias mãos sendo que foi terminada em 1912 e também para se protegerem contra a invasão russa, foram forçados a construir a primeira estrada para Sapporo.

Neste local pisamos então em neve e pelo caminho vimos aquelas barraquinhas montadas sobre os lagos congelados onde os japoneses estavam pescando pequenos peixes, quer para se alimentarem quer para passar o tempo.



“Pai você vai ver como o frio daqui é de lascar. Caralho cara eu sofro todo dia e o lá da Rússia era tão gostoso”, diz Raissa enquanto estamos caminhando pelas alas de madeira da prisão de Abashiri e fico imensamente feliz, apesar de todo o frio, pois jamais imaginava ouvir isto dela, já que sempre critica a Rússia quando tem oportunidade.

E em seguida seu pai hospedeiro diz: *“Raissa seu pai tá com tanto frio que já parou de tirar fotos”.*



Terminado a visitação vamos ao museu sobre a vida no gelo que há ali perto também. Mas primeiro aproveitamos para subir ao observatório e capturar lindas imagens e saborear alguma coisa, afinal estávamos com fome e não tínhamos almoçado ainda. E como um lanche de carne de cervo a qual

adorei e também experimento uma cerveja Sapporo. Depois do lanche tentamos fazer a visita ao museu mas, como é temporada de inverno o museu fecha as portas antes de podermos visitá-lo. O dinheiro dos ingressos são devolvidos e vamos então para Kitami. São apenas 16:30 horas e já está praticamente escuro.



Vamos conversando diversas coisas com a família da Raissa e por todo o caminho vamos escutando músicas japonesas, principalmente do cantor Suda Masaki que a mãe hospedeira adora e nos diz também que queria ter se casado com este cantor pois ele é muito bonito.



E paramos num shopping para fazer algumas compras, como cerveja, legumes e outras coisas pois eles iam fazer uma comida japonesa para nós naquela noite.





Anteriormente tínhamos combinado que faríamos um arroz-carreteiro para eles mas nosso cansaço era muito e daí eles que vão preparar a janta para nós.

E uma coisa do Japão contraditória que é todo tecnológico ainda se encontram lojas que vendem CD e DVD por todos os cantos. O Spotify entrou no Japão faz cerca de um ano.

Em casa, com as malas já colocadas num canto da casa, e antes mesmo de terminarmos de colocar as malas no hall já levo o primeiro “coco” da Raissa *“pai não é para entrar com sapato na casa isso é uma falta de respeito”*. Depois vamos à sala onde continuamos a conversar e daí Mitsuhu e Kayo preparam um saboroso okonomiyaki e também uma cerveja acompanha a janta, além de saquê e cachaça que levamos para eles de presente. Enquanto comemos trocamos presentes e vamos dormir por volta da meia-noite.

Mas antes diz que é para ficarmos os demais dias em sua casa e então o senhor Mitsuhu liga no hotel dizendo que não daremos a entrada por lá e que permaneceremos em sua casa até nossa viagem para a Coreia.

“Você se dá muito bem com sua família Raissa”, diz Mitsuhu para Raissa.

Mitsuhu, Kayo, Sara e Yura é a família hospedeira atual da Raissa e em sua casa então ficamos todo o tempo que passamos em Kitami, cidade com cerca de 112 mil habitantes e incrivelmente organizada e limpa (afinal falar isso sobre qualquer cidade do Japão é “chover no molhado”).

Após o banho revigorante que tomamos naquela casa, o Sr. Mitsuhu me dá um de seus pijamas para dormir, mas acho que ele exagerou, afinal a Raissa tinha lhe dito que eu era muito gordo... eu também acho que ela exagerou.



Um sonho gostoso tomou conta de nós, dormimos no mesmo quarto da Raissa com a Raissa e por volta das duas horas da manhã acordo e fui lá fora caminhar, pensa na desgraça do frio que estava (-13°C). Voltei rapidinho para o calor do quarto.

Domingo dia 19 de Janeiro chega. Logo que acordamos começamos a ajeitar as malas com as inúmeras coisas que temos que trazer de volta da Raissa. Não é brincadeira. Até uma panela grande que ela ganhou em um bingo temos que trazer, além de um pouco de roupas, livros, presentes, ursinhos e por ai afora.



O pai da Raissa vai trabalhar (como assim? Domingo?). Sim em pleno domingo, por volta das 8:30 horas ele vai ao trabalho e só retorna por volta das 21 horas. Durante o almoço vai conosco ao encontro que prepararam para a Raissa através do AFS, mas isto vamos falar depois, mais adiante.

Celma e Kayo (a mãe japonesa da Raissa) fazem tapioca com a farinha que levamos para eles experimentarem. Ela experimenta e gosta bastante – come duas vezes. Ligamos para o Brasil e falamos com meus pais.



Celma faz propaganda da loja com os presentes que levamos e as meninas e a mãe da Raissa tiram fotos para colocarmos no Instagram.



Daí continuamos a arrumar as malas com as coisas da Raissa e ela diz que tanto a escrivaninha quanto a cama que estão naquele quarto eles fizeram porque ela ia morar lá, pois não havia nada naquele quarto (maiores detalhes sobre o intercambio da Raissa no Japão serão relatados em livro específicos a ser publicado posteriormente).

Todos se arrumam afinal vamos sair. Vamos conhecer a cidade que eles vivem e passar por alguns lugares importantes, como a escola em que a Raissa estuda, um museu da menta, o principal hospital do lugar, até mesmo o hotel em que iríamos ficar a senhora Kayo nos mostra, um templo budista...

Visitamos primeiramente a escola onde a Raissa estuda. Uma escola cristã em pleno Japão budista. Visitamos as alas da escola, as salas de aula, percorremos seus corredores e vamos até onde o time de

voleibol de sua sala está em treinamento. Suas amigas então param o treinamento e pedem para tirarmos fotos com elas e dizem que “*sentirão saudades e vão ficar tristes quando ela partir*”.



Sim, faltam pouco mais de dez dias para que Raissa também termine o intercambio e retorne ao Brasil.

Deixamos então a escola para trás e vamos visitar um templo budista muito bonito, pena que não podemos entrar nele, vimos e fotografamos apenas pelo lado de fora. Daí nos

encaminhamos para o museu da menta que há na cidade, afinal é a cidade da menta e da cebola.



Fomos recebidos por um senhor muito simpático e que logo queria saber de onde éramos e já foi dizendo “*poxa em apenas onze meses você está falando japonês muito bem*”. Foi explicando sobre a história da menta na cidade e que em 1939 tudo começou e por ali se produzia 70% dos produtos de menta, mas agora, o Brasil produz muito mais que eles, sendo que os japoneses trouxeram a menta para o Brasil durante a grande guerra.



Ganhamos dois bonequinhos “mentakun” a mascote do museu de presente e também alguns frascos com produtos feito a base da menta para inalação. Daí vamos para a lojinha que tem ao lado do museu e lá um pouco mais de explicações sobre os produtos e a Celma e também as meninas (Sara e Yura) fazem cremes para as mãos com as orientações das funcionárias da lojinha. E além do creme que fizeram ganhamos ainda mais coisas de lá. Também fazem um bilhete com anotações de onde somos para o quadro de avisos da lojinha.



Meio-dia batendo e então partimos para o almoço preparado pelo AFS local como sendo o encontro das famílias da Raissa e também uma espécie de festa oficial de despedida da Raissa.



Quando chegamos ao local encontramos – ainda no estacionamento – a primeira família hospedeira (Michihiro, Miki, Kanae e Hanano) da Raissa e então eu e a sua irmã – Hanano – fazemos um vídeo dizendo “*mão direita, mão esquerda*” e “*eu sei falar português*”.



O acolhimento foi espetacular. Os locais para nos sentarmos já estavam demarcados e nós, a família atual e a família anterior da Raissa ficamos numa mesa, todos juntos. Ali foi o primeiro encontro que tivemos com a família anterior onde Raissa morou. Pessoas de coração enorme também. Faço brincadeiras com as irmãzinhas da Raissa e também com a Hanano, irmã da primeira família.



Comida. Brincadeira com bingo, mas aqui se a pessoa tivesse todas as letras sorteadas no nome... ia lá na frente fazer uma declaração, foi assim com todos que estavam no almoço. Agradecemos o acolhimento das famílias para com a Raissa e o amor que dispensaram a ela. O pessoal do AFS falou sobre os intercâmbios e sobre o ano que a Raissa passou por lá. A família anterior da Raissa mencionou o tempo que passaram morando juntas e a experiência legal que tiveram. A família atual também falou no mesmo sentido e o senhor Mitsuhu deixou claro que só pegou a Raissa *“pois ela já sabia falar japonês mas que a experiência foi muito interessante e Raissa uma menina de ouro”*.

Praticamente todos os voluntários do AFS que vão à frente falam sobre a experiência que tiveram com a Raissa neste período que passou por lá.





“... naquele momento eu vi que Raissa era determinada”, diz a senhora que hospedou Raissa por breve período quando ela chegou a Kitami e aguardava sua família hospedeira retornar à cidade.

Uma voluntária do AFS conversa comigo durante bastante tempo querendo saber quais os países que visitaremos nesta jornada e os quais já conhecemos, além que querer saber coisas sobre o Brasil. Também conversamos com o rapaz que virá para a Bolívia em intercâmbio e sua mãe que é agricultora naquela região e possui produtos John Deere.



As mulheres do AFS vestem a Celma com quimono e todas querem tirar fotos com ela. Ficou muito legal e foi interessante, além de ser um sonho da Celma. Depois de uma foto oficial com todos que estavam ali termina o encontro.

Raissa faz discurso e as traduções de todos para nós e de nós para eles. Celma agradece todas as famílias e o pessoal do AFS. Raissa recebe buque de flores.



A primeira família hospedeira da Raissa nos convida para irmos ao onsen, um lugar onde tem diversas piscinas, desde quente, extremamente quente até a extremamente gelada, além de sauna, para um banho coletivo (homens com homens e mulheres com mulheres).

A mãe Miki a todo momento pede para Raissa ver com a Celma se está tudo bem, se a temperatura da piscina está boa ou para mudarem de piscina, preocupações constantes.



Eu e o senhor Michihiro aproveitamos todas as piscinas por um período de aproximadamente uma hora e quinze minutos, mas a piscina gelada eu não aguentei. Saímos e ficamos conversando sobre o Brasil, economia e diversas outras coisas enquanto as mulheres terminavam o banho delas.

Fomos para sua casa e lá tomamos um chá, além de entregar os presentes que levamos do Brasil e agradecê-los pelo carinho que dispensaram para com a Raissa. Também conhecemos a outra irmã da Raissa, a mais velha, Kanae que estava fazendo intercambio na Finlândia e agora se preparava para prestar o vestibular em Tóquio. A mãe hospedeira, Miki, muito simpática pediu para elas me mostrarem o livro “o Nabo Gigante” do escritor russo Alexis Tolstoi que eles tem na versão japonesa.



Então eles nos levam para comermos Lámen (em japonês ラーメン) que é um composto de macarrão chinês, uma sopa com carne de porco, peixe ou mesmo frango e temperos diversos, além de algas verdes, brotos de bambu, cebolinha, além de outros ingredientes ao gosto.



Hanano diz para Raissa “*seu pai é muito divertido*”.

A Sr. Miki envia a seguinte mensagem via aplicativo Line:

“Thank you for a wonderful encounter. Thank you for a fun time. See you again”.

Conversamos por lá em torno de umas duas horas e daí eles nos levam para a casa onde estamos parando e nos despedimos desta família, que foi muito importante e que somos gratos pela acolhida que tiveram com nossa filha.

E o hotel que nós tínhamos reservado... já era... perdemos o dinheiro, mas ficamos em casa de famílias importantes e fundamentais para nossa filha.

Já era tarde... sei lá que horas... nem fui olhar... daí fomos arrumar mais um pouco as malas e daí em seguida o Sr. Mitsuhu nos chama para bebermos cerveja e saquê e conversarmos.

Nisto Raissa diz que a brasileira que mora na cidade e que é sua amiga quer se encontrar conosco no dia seguinte. Combinamos de ir numa livraria.

Então vamos ao que é importante.

Beber a cerveja que estava nos esperando e comer umas coisas (que não sei o que são) que compramos no shopping quando chegamos na cidade. Falamos novamente sobre a questão do intercâmbio, de sua experiência com a Raissa, sobre a segurança no Brasil, sobre nossa cidade de Dourados, sobre nosso filho Igor que estuda na Rússia, sobre a

casa na Rússia, sobre o inverno e o verão do Japão e Brasil, sobre imóveis na cidade de Kitami e sobre imóveis na cidade de Dourados e sobre as cervejas do Brasil... e claro num futuro ainda nos encontrarmos novamente.



A segunda-feira chegou e acordamos cedo pois era o dia de nossa partida para a Coréia do Sul. A Celma também queria ver as crianças todas arrumadinhas irem para a escola debaixo daquele frio de lascar, temperatura de -6°C e nevando.





Comemos tapioca mais uma vez e Celma faz uma faxina na casa. A senhora Kayo diz “Raissa sua mãe veio do Brasil para fazer limpeza aqui”.



Por volta das 9 horas da manhã Celma vai ao salão de beleza da mãe hospedeira da Raissa, Kayo, para a colocação de cílios; um presente dela para a Celma. Um presentão pois este serviço custou 80 euros por lá.



Celma e Raissa fazem arroz carreteiro para o almoço, com o charque que levamos do Brasil e com o arroz japonês e ingredientes que compramos no shopping no dia da chegada. Kayo come três vezes pois achou muito gostoso o prato brasileiro. Como tá bastante frio ganho de Kayo um kairo para esquentar os pés, as mãos e a orelha.



Celma já pode morar comigo na Rússia, pois foi tirar a neve que se acumulava no quintal da casa dos Hirano.



Descansamos um pouquinho e logo a brasileira, Satimari, está lá para irmos tomar o café da tarde na livraria que tínhamos combinado de nome “O Doutor”. A neve cobre toda a cidade e não dá trégua naquele dia. Ela passa na escola de seu filho para que ele vá conosco também enquanto que uma amiga – Yukie - se encarrega de buscar sua filha e daí nos encontrar também na livraria.



Uma livraria gigantesca. Compramos livros (um sobre a região de Hokkaido e outro que encontrei sobre turismo na Rússia. Em japonês claro). Quando a Yukie e a menina chegam vamos sentar no café da livraria e saborear a comida japonesa. Conversamos bastante, inclusive como elas conheceram a Raissa, sobre seus filhos, sobre a educação lá no Japão e daí Yukie (que é professora na universidade local) faz um convite para que a Raissa pense em fazer faculdade em terras nipônicas, sobre como elas foram parar naquela cidade e tantas outras coisas.



Quando o tempo já terminava Satimari nos levou a uma agência dos correios para despacharmos um pacote de erva de tererê para o Igor na cidade de Yekaterinburg na Rússia.

Enquanto nos encaminhamos para casa, Raissa recebe mensagem de Miki, a primeira mãe hospedeira, dizendo *“Raissa sua família é incrível”*. E damos risadas pois a Celma diz *“ela fala isso Raissa porque não conhece direito seu pai”*.

À noite, quando o sr. Mitsuhu retorno do trabalho vamos jantar em um tradicional sushi na cidade. Comemos muito sushi e interessante que você faz o pedido via tablet e em questão de minutos vem o trenzinho trazendo a comida, você retira o prato do trenzinho e aperta um botão ele retorna para a cozinha. Muito legal. Na própria mesa tem uma torneira com água quente.



Achamos que comemos demais pela torre de pratos que fazemos, mas a família da Raissa diz que eles geralmente comem muito mais.



Depois deste banquete de shushi, que a Raissa pediu para eles nos levarem, vamos novamente ao onsen, lá naquele lugar dos banhos que tínhamos ido na tarde anterior com a outra família.



As mulheres vão ao banho enquanto eu e o pai hospedeiro da Raissa ficamos conversando (foi um pouco difícil a comunicação, mas demos um jeito e falamos sobre nossos países, sobre o encontro de nossas famílias, sobre nossos filhos) e tomando cerveja, depois dele fumar um pouco. Uma hora depois as mulheres retornam e vamos terminar de ajeitar as coisas e carregar as malas para seguir adiante. Yura, a irmãzinha mais nova diz para sua mãe “*não deixa eles irem embora, eu gostei muito deles*”.

Mas antes de partirmos para a rodoviária, onde pegaríamos o ônibus com destino à Sapporo, capital da região, para pegarmos o voo para Seul, aguardamos as meninas escreverem cartas para eu e a Celma.

Eu atormento a menininha a toda hora sempre dizendo “konnichiwaaaaaaaa” (olá) e entoando da forma que as moças nos atende nos lugares onde vamos fazer compras, com aquele som irritante alongando o final das palavras.



Quando nos entregam a carta de Sara diz: “Para o pai e a mãe de Raissa. Eu amo vocês. Venham mais uma vez para o Japão e faz nossos desenhos”.



A carta da mais nova, Yura diz: “Ao pai e a mãe da Raissa”. Ela faz o desenho da Celma e escreve “bonita” e faz o meu desenho e escreve “gostosão”. Também escreve “eu amo vocês” e faz o desenho dela escrevendo “fofinha”.



Daí tiramos fotos e embarcamos no veículo com o Sr. Mitsuhu e a mãe Kayo em direção à rodoviária da cidade. Paramos para comprar comida numa conveniência e tudo pronto.



Chegamos à rodoviária perto do horário de embarque e então nos dirigimos numa noite extremamente fria rumo à Sapporo.



As 23:55 horas em ponto embarcamos e damos adeus aquela família maravilhosa que nos recebeu por três dias em seu lar e nos tratou com grande afeto, talvez o mesmo dispensado à nossa filha.



SAPPORO

Chegamos à estação rodoviária de Sapporo às 6 horas da manhã, numa viagem vindo de Kitami desde as 23:55 horas, numa noite fria e de nevasca por todo o caminho.



Nossa ideia era conhecer a cidade de Sapporo a qual é a capital da ilha de Hokkaido e uma população de 1.900.000 habitantes, mas o frio que fazia naquele dia tirou toda nossa vontade dos passeios. E após um lanche rápido pegamos o metrô para o aeroporto e por lá ficamos bem quietinhos. Quando nós embarcamos Raissa retornou para a cidade.



Quando abre o check-in da companhia Asiana já vamos fazer para nos livrar da bagagem e poder ficar tranquilos para almoçarmos, mas um imprevisto quanto a aquisição internacional da passagem dá zebra e ficamos enrolados. A Raissa tem que conversar com o chefe das moças que fazem o check-in em inglês e depois em japonês para tentarmos resolver e eu consigo falar com a moça da agência que está na Inglaterra as duas da manhã. Depois de alguns documentos apresentados tudo se resolve e nosso check-in está pronto, mas aquela ideia de comermos tranquilos já era. Corremos para o restaurante e a primeira coisa que encontramos – um lanche rápido – comemos e vamos para os portões de embarque. Nos despedimos da Raissa que pega o metrô de volta para a estação rodoviária. Sua ideia é andar um pouco pela cidade pois seu retorno para Kitami é mais no final do dia.



Quando chegamos a Seul tem a seguinte mensagem da Raissa:

“Aconteceu cada coisa comigo hoje. Só me fudi. Mas deu tudo certo. Eu andei uns 3 km tentando achar os lugares, ai meu celular acabou a bateria porque os celulares quando ficam expostos ao frio eles dão pane. Ai eu fiquei sem rumo, porque não tinha celular. Encontrei um cara que me ensinou os lugares e ainda me falou que nas privadas do banheiro tem como carregar o celular. Ai fui lá e fiz isso. Deu certo. Visitei os lugares e voltei para a rodoviária”.

O Sr. Mitsuho vai buscar a Raissa na rodoviária de volta as 23:00 horas e diz para ela: *“só fez cagada no final do seu intercambio em Raissa”*, em referencia a ter faltado dois dias à escola para ficar conosco, eles terem ligado informando que ela não iria à escola,

ter viajado conosco para Sapporo sem o AFS saber e ainda ter retornado de Sapporo sozinha viajando a noite, mas complementa a fala “*mas foi muito bom a visita de sua família aqui*”.

LEMBRANÇA

Raissa encontra uma velha senhora num ponto de ônibus, quando fazia -17° C e começa a conversar com a Raissa, dizendo “*menina russa eu ia ao dentista e você tem que ser amiga dos americanos senão eles vão soltar bombas, tem que ser amiga*”. E continua “*eu vou acompanhar você até o shopping*”.

Passado um tempo a Raissa encontra novamente a mesma senhora e quando ela a vê diz “*Roshiajin*” (garota russa).

SEUL

Um voo também tranquilo para a Coreia do Sul. No desembarque em Seul o sistema de verificação na imigração conversa conosco em português.

O trânsito e a distância do aeroporto ao hotel foram os fatores que fizeram chegarmos somente as 19 horas. No caminho conversamos bastante com o rapaz do transfer. Depois do check-in e colocar as malas no quarto, vamos dar uma volta em torno do hotel e aproveitar para jantarmos.



As fotos nos cardápios dos inúmeros restaurantes em torno do hotel eram muito bonitas. Então escolhemos um pequeno lugar e entramos, como não conseguíamos definir o que comer a própria dona do lugar escolheu por nós e nos custou 38.500 won.



No retorno ao hotel encontramos uma padaria belga e enviamos a foto para o nosso filho intercambista Pieter-Jan na Bélgica.

No dia seguinte saímos logo pela manhã para nosso tour por Seul. Neste tour estávamos com pessoas do México, Canadá, China e Alemanha. Visitamos alguns templos, almoçamos e passamos vergonha com nosso inglês interiorano.

Visitamos três templos, ruas de comércio, uma indústria de produto para tratamento de diversos problemas de saúde.

No primeiro templo havia uma árvore com 600 anos de idade e muito movimento, estavam arrumando os espaços para o Ano-Novo Chinês que seria muito em breve.





No segundo templo pudemos assistir a uma apresentação dos antigos guerreiros e suas vestimentas e armas. Até terminarmos a visitação deste templo já era quase perto do almoço.



Uma das coisas que mais nos impressionou foram as caravanas de crianças indo aos museus, fazendo visitas e escutando as explicações das professoras sobre a história.



Depois visitamos um museu que conta muito da história da Coreia do Sul e do budismo em si.





Após o almoço um novo templo nos esperava e – na minha visão – muito parecido com o anterior.

Depois, como falei, fomos às compras em várias ruas que disponibilizam diversos produtos.





Em frente ao hotel procuramos um restaurante e comemos o clássico, frango com batatas e alho, além de Coca-Cola e também uma cerveja para experimentar.

Os guias – tanta a moça de manhã quanto o rapaz da parte da tarde – possuíam um inglês excelente.

No final do dia conversamos com o Igor e a Raissa via whatsapp e ela nos diz que foi aprovada na sua prova de proficiência em japonês. Que bom!



As 22 horas estamos na cama e acordo à uma hora da manhã.

Às 6 horas da manhã saímos do hotel em direção ao outro aeroporto (Gimpo) da cidade com destino à China.



Na saída da Coreia eles questionam as coleções de moedas japonesas da Raissa que estão na mala e também os vidros de produtos da menta que ganhamos em Kitami. Pedem explicações e liberam.

PEQUIM

Desembarque em Pequim, atendimento na imigração em português, pelo menos parte do atendimento, até chegarmos nos guichês para o carimbo de entrada e verificação do visto chinês. Aqui tivemos um probleminha, pois parte do nome da Celma – no passaporte – é escrito separado por um apóstrofo enquanto que no visto é escrito tudo junto sem este caractere, assim o atendente queria saber porque? Nada que uma explicação em russo não resolvesse (Ее имя написано с апостолом).



O hotel era maravilhoso e estava lindamente decorado para o Ano-Novo Chinês que seria na noite seguinte.

Já no caminho do aeroporto ao hotel pudemos perceber que Pequim seria um dos lugares que mais gostaríamos nesta viagem; lindos lugares, espaçosos, construções majestosas, atendimento com muita educação e comida excelente.



Num dos andares um restaurante lindo e num outro andar um outro restaurante ainda mais bonito. Almoçamos neste restaurante e fizemos uma visita rápida ali por perto do

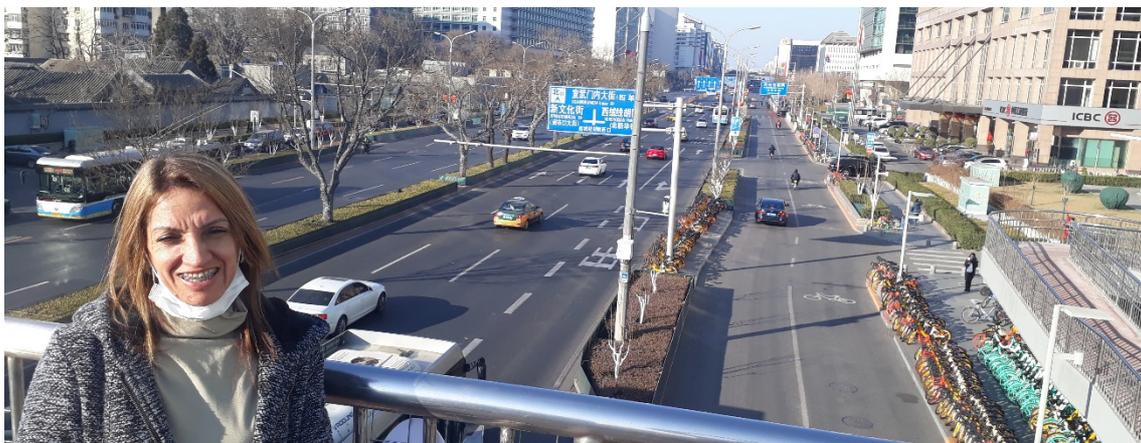
hotel mesmo, lembrando que não poderíamos sair sem estar utilizando as máscaras que nos deram em consequência da preocupação que estão tendo pelo “corona vírus”.



Quando acordo à 01:00 hora da manhã está fazendo -4°C (quatro graus negativos).

Recebemos mensagem do Igor, em Yekaterinburg de que conseguiu as notas que faltavam para fechar o semestre da faculdade de mecatrônica.

Sexta-feira dia 24 de janeiro, um café da manhã de magnata naquele hotel, com uma enormidade de alimentos, comida chinesa, comida ocidental e algumas coisas que não sabemos o que é mas que tivemos que experimentar e que eram deliciosas. Faziam parte do cardápio; abóbora, salames, bacon, ovos, sopas, variedade de pães, sucos, arroz de várias formas, sopas de feijão, de arroz, inhame, tofu e diversos legumes e vegetais, além de uma variedade de frutas e chás.



As 9 horas da manhã iniciamos nosso tour com a Tatiana, chinesa que fez intercambio em Porto Alegre e ainda está com um português bom, também trabalha na embaixada do Timor Leste na China, mas seu sonho é trabalhar na embaixada brasileira e está se

aperfeiçoando para isto. Sobre o Brasil diz que gostou de tudo, das pessoas que são muito mais simpáticas e acolhedoras, da comida, dos passeios que também conheceu o nordeste, mas não sabe se viveria no Brasil pela questão da segurança, sendo que foi assaltada por duas vezes e nas duas levaram um pouco de dinheiro e celular.



Saímos do hotel e pegamos o metrô. Imaginei que estaria uma loucura, mas como era a véspera do feriado de Ano-Novo tudo tranquilo, quer nas estações de metrô, quer nos locais que fomos visitar, quer nas ruas da cidade. Tranquilidade.

Em tempo: Raissa envia mensagem sobre o último dia de aula onde houve homenagem, recebeu flores e o certificado também.

“Foi top. Regacei. Fizaram uma festa de despedida pra mim. Ganhei presentes. Ganhei meu certificado também”.

Fomos à Praça da Paz Celestial, à Cidade Proibida, Palácio de Verão, ao Zoológico para vermos o Urso Panda, uma gracinha, ao Templo do Céu e outros lugares.



- Eu quero uma foto aqui. - Diz a Celma.
- De novo? – Respondo
- Se fosse na Rússia, você queria foto de tudo e de todos.
- Eu gosto de tirar foto das coisas, mas não das pessoas.



Andamos num carrinho tão pequeno – que não sei o nome – que estávamos todos amontoados lá dentro. Numa das ruas onde estávamos tirando foto ganhamos diversos enfeites do Ano-Novo para serem colocados nas portas de casa, bem como envelopes para escrevermos mensagens para as crianças.

Fomos almoçar por volta das 15 horas e no restaurante Jackie, que é daquele ator de filmes de artes marciais, Jackie Chan. A comida foi excelente e depois que terminamos ela nos deixou no hotel. Lá tiramos fotos com ela e ficamos conversando ainda mais um pouco e a convidamos a nos visitar no Brasil quando puder.



Importante nós fomos os primeiros turistas que ela fez o trabalho de guia. A agradecemos, pois, foi muito bom o dia todo e ela foi formidável.

Com uma temperatura de -8°C (oito graus negativos) se inicia o sábado, por volta das 03 horas da manhã enquanto aguardávamos o transfer para nos levar ao aeroporto de Pequim onde iríamos com destino à Bangkok na Tailândia.



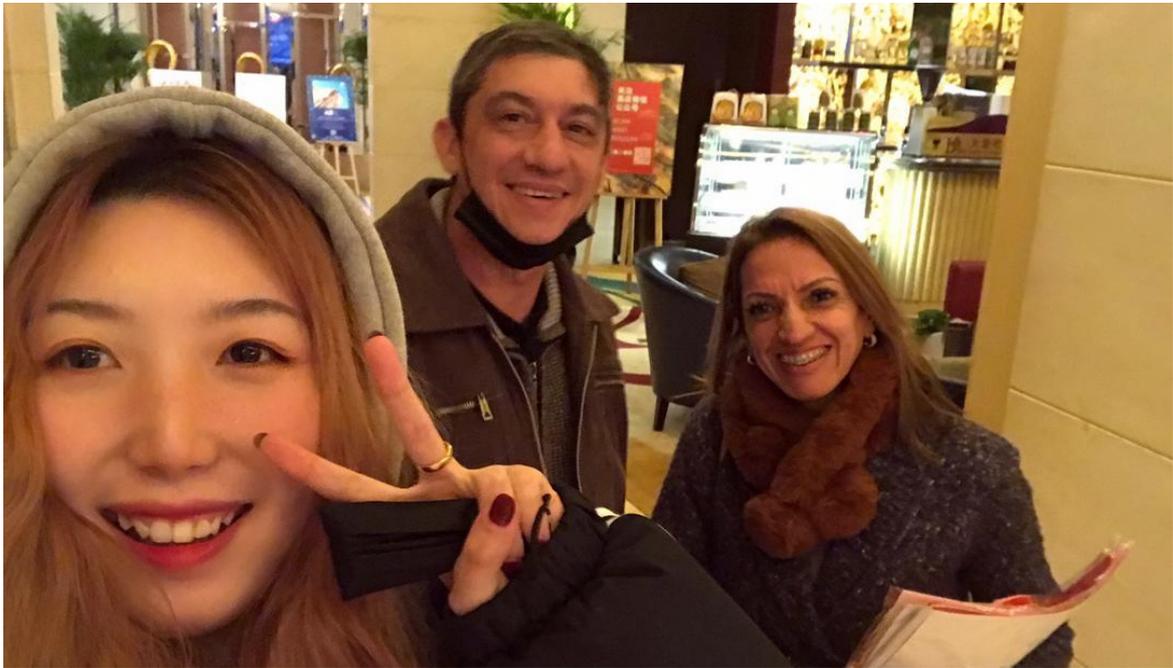


Essa mascara negra ai que estávamos usando em proteção ao corona vírus fica de recordação e trago para o Brasil para nossa coleção de souvenirs.

O transfer atrasa e tenho que ligar para o serviço de emergência, mas o pessoal não consegue falar com a empresa em Pequim e então solicito um taxi para o pessoal do hotel. Quando estamos fechando o contato com o taxi o serviço de transfer chega ao hotel e vamos com eles ao aeroporto.

Na chegada ao aeroporto passamos pelo controle de saúde por causa do “corona vírus”, depois novamente no portão de embarque e entramos em nosso voo e partimos para a Tailândia.





Nas palavras da Tatiana “*to muito feliz que vocês gostaram, foi meu prazer, valeuuuu!*”
(mantido original)

BANGKOK

Nossa chegada em Bangkok foi através do aeroporto de Suvarnabhumi. Enquanto estávamos na fila da imigração o fiscal pediu para retornarmos e passarmos pelo controle de saúde, então quando retornamos para a fila, havia muita gente, gente demais e então ele nos viu e nos levou para uma fila menor.

O transfer nos levou para o outro aeroporto (Don Mueang) para que pegássemos o voo para Ubon Ratchathani.

Bangkok, a cidade do nome gigante, visitamos quando retornamos da região de Ubon Ratchathani e relatamos posteriormente.

UBON RATCHATHANI / AMNAT CHAROEN

Enquanto estávamos em Don Mueang para embarcar Siraphop nos ligou para saber como estávamos e se já tínhamos comido alguma coisa. Também enviou mensagem “*eu vou te abraça*” (mantido original).

E também a Marli Michalski, ex-presidente do AFS local e que adorava o tailandês Siraphop, envia mensagem que terminou de ler o livro da Verena:

“Bom dia, hoje terminei de ler o livro sobre a Verena. Parabéns por tanto empenho, cuidado, carinho, paciência e principalmente amor”.

Quando chegamos ao aeroporto de Ubon Ratchathani toda a família do Siraphop estava lá e o legal que ele estava com uma camisa do Brasil que a Celma tinha dado para ele de presente quando esteve em nossa casa. E isto que antes ele tinha nos ligado quando estávamos para embarcar em Bangkok para saber se tudo estava bem, que horas chegaríamos e coisas assim, bem como se já tínhamos jantado. Estava preocupado.

Seu pai, sua mãe, irmã e irmão estavam junto com ele nos aguardando. Desembarcamos e nos abraçamos, assim como a sua família e então as fotos tradicionais destes encontros.



Arrumamos as malas no carro de seu pai que nos levou para a cidade de Amnat, através de uma via expressa e chegamos ao hotel por volta da meia-noite. No caminho Siraphop perguntou sobre a Marli, como ela estava.

- E Malí (como ele diz Marli) como está? Minha conselheira preferida. – Comenta ele para nós.



O hotel estava reservado para nós, um bom hotel, uma boa cama e uma boa ducha e tudo já pago.

Chega o domingo, dia 26 de janeiro de 2020, acordamos por volta das 6 horas da manhã (desculpa pela informação, nos levantamos as 6 horas da manhã, mas havíamos acordado muito antes).

Seis horas em Amnat – cidade do interior onde nunca tinha pisado um brasileiro, além da atual intercambista de São Paulo que está na região - e sete horas da manhã em Dourados-MS.

Domingo de céu aberto e muito bonito, além de quente (até que enfim, um dia quente nesta viagem). Tomamos café, um café simples, mas com opções de sopas de frango, arroz, pães, ovos, chás e algo que também não sei o nome.

As 8:30 horas da manhã, Siraphop e seu pai estão no hotel para nos levar à sua casa. Lá tomamos um chá e trocamos presentes enquanto aguardamos sua mãe e irmã ficarem prontas para visitarmos outras regiões. Depois das fotos, claro.



Lembrando ele fez tererê para nós, pois ainda tinha erva que havia levado do Brasil quando retornou para a Tailândia.

No roteiro, visitamos um templo tradicional, passamos pela escola onde Siraphop estuda, vimos onde é o escritório de trabalho de seu pai, a prefeitura e diversos locais bonitos da cidade. Daí, após abastecermos o veículo, vamos para Phana, onde seu pai nos leva para conhecer um hospital de medicina alternativa e também onde há tratamento através de massagens. Celma ganha sete frascos de remédios do local, presente do seu pai. Depois passamos por um templo no meio da floresta, ao lado da cidade, onde tem um exagero de macacos; macacos por todos os lados.



Então vamos para o rio que divide a Tailândia e o Laos, o rio Mekong, conhecido de todos nos filmes norte-americanos onde seus heróis matam ou vencem qualquer coisa ou exército em suas lutas.



Por todo o caminho, além de percebermos uma paisagem com muita vegetação e com muitos templos por todos os lados, é nítida a necessidade de chuvas, pois a vegetação está sofrendo.

No caminho paramos para comprar o doce chamado Khao Lam. Este doce nos marcou e ficará em nossa mente por muito tempo. Este doce com certeza representa a Tailândia para nós.

Neste lugar compramos algumas camisetas da região de Ubon Ratchathani e vamos almoçar num barco ancorado no barranco do rio na região de Khong Chiam. Um lugar muito simples, mas com uma comida excelente. Diversos pratos saboreamos e também cerveja. Lá conhecemos uma omelete com ovos de formiga.



Depois subimos o rio de barco para irmos a um local rochoso e aproveitar para fotografias. Quando retornamos – uma hora depois – encontramos vários monges que vão subir o rio também e aproveitamos para tirar fotos.



Vamos para Laos.

Voltamos para Amnat.

Visitamos um templo encantador e todos gostaram do lugar que nos traz uma nova energia. Lá ficamos um bom tempo e fazemos as reverências e orações como mandam o figurino, também fazemos pedidos através de um ritual que nos mostram como fazer.





Voltamos para casa. Nossa casa no hotel.

Espera ainda não. Na cidade de Udon Ratchathani ainda paramos para jantar e aproveitar os encantos de um lugar maravilhoso; um restaurante tradicional tailandês, onde há diversos espaços incríveis, os garçons trajados com roupas típicas, música ao vivo. O atendimento foi excepcional e acho que passamos pelo cardápio todo do restaurante de tantos pratos que pedimos para degustar (brincadeira...).

Mas realmente foi muita comida e todas – sem exceção – excelente. No final o valor não ficou tão caro como se fosse por aqui. Na Tailândia a comida além de muito gostosa é barata.



Além de uma cantora excelente e muito bonita, a qual tivemos que tirar uma fotografia.

Chegamos – agora sim – ao hotel as 22 horas e cansados tomamos um banho e... cama.



Dia seguinte, segunda-feira, logo pela manhã recebo mensagem do Siraphop que a menina tailandesa – Friend – que também fez intercambio em Dourados e ficou em casa de amigos nossos, residente em Bangkok, quer se encontrar conosco para conversarmos e andarmos pela cidade.

Excelente pensamos e trocamos os contatos e daí começo a conversar com ela para combinar nosso encontro.

Siraphop também nos envia mensagens de sua família hospedeira no Brasil, onde há um certo toque de ciúmes por estarmos visitando o menino.

Sua mãe tailandesa posta mensagem no facebook agradecendo nossa visita e a

família que o hospedou em Dourados reage a esta mensagem.



Elizangela Vascotto Folle

🤔?I don't understand, because **F'sir Pop** was in my home, we are his Host family in Brazil. they never be his family in Brasil

13 h Curtir Responder



Francielle Vascotto Folle

Hey!

We don't understand, Because Celma and Walter never be Sira's parents in Brasil, they are only Sira's friends! Sira was my brother in Brasil. And stay for one year in My house.

We love **F'sir Pop** and he stay in my family.

His parents in Brasil are Elizangela and Flori.

Tomamos novamente o café, arrumamos as malas e sua família está ali para nos levar à Upon Ratchathani onde pegaremos o voo de volta para Bangkok. Com as bandeiras do Brasil e da Tailândia tiramos fotos para registramos o encontro.



Arrumamos então novamente as malas no bagageiro do carro (aquele bagageiro que vai em cima do carro) e saímos de Amnat. Quando paramos para abastecer começou a chover e tivemos que comprar capa para cobrirmos as malas.



Seguimos viagem para Upon Ratchathani. No caminho novamente paramos para comprar o delicioso doce de arroz com leite de coco assado dentro do bambu - Khao Lam. Depois já na cidade de Upon paramos para tomar um café e damos muitas risadas. Também passam pela frente da escola onde a irmã do Siraphop estuda uma vez por semana.



Quando passamos em frente a um hospício Siraphop diz:

- Aqui hospital para você pai.

No aeroporto há o pagamento de excesso de bagagem. Tudo certo nos despedimos daquela família que nos recebeu tão bem e nos proporcionou dias fantásticos.

Fica o registro também que aqui em nenhum lugar encontramos facas para as refeições. O costume é comer com garfo e colher. O garfo para segurar e a colher para cortar os alimentos e levá-los a boca.



Logo depois embarcamos para Bangkok e seguimos ao hotel.

Mensagens:

Siraphop envia pelo whatsapp:

“Nós to muito felicidade e adoramos com vocês também. Boa viaja pai. Aí eu voltar pra Brasil em brevee” (mantido original).

No facebook publica:

“Obrigado vocês para me visitou na Tailândia eu tô muito felicidade que você vem aqui pra conheça com minha família todas momento que foi maravilhosa aí eu dejsejo vou te visatar em breve” (mantido original).

Sua mãe também publica no facebook:



ศิริประภา พรโปรง está 😊 se sentindo amada com F'sir Pop e outras 2 pessoas.

15 h • 🌐

Nós felicitate que você nos visitou Celma com Walter

🙏🙏 ยินดีต้อนรับเพื่อนจากบราซิลถึงจะเป็นช่วงเวลาสั้นๆ แต่ก็ประทับใจมาก

Bon voyage 🛫🛫🛫

Nós felicitate que você nos visitou Celma com Walter

🙏🙏 Bem-vindos amigos do Brasil. Apesar de ser pouco tempo, mas muito impressionado.

Boa viagem 🛫🛫🛫

⚙️ • Classifique esta tradução



LAOS

O Sr. Pathompog, pai de Siraphop nos leva à divisa da Tailândia com Laos, um pequeno país que ainda é comunista. Os nomes deles são legais: O pai de Siraphop é Pathompog conforme já mencionei. A mãe se chama Siraprapa, seu irmão é chamado de Suprakrit e sua irmã é Pongkarn. Cara, esquece esses nomes aí, lá nós os chamávamos de nomes mais simples.

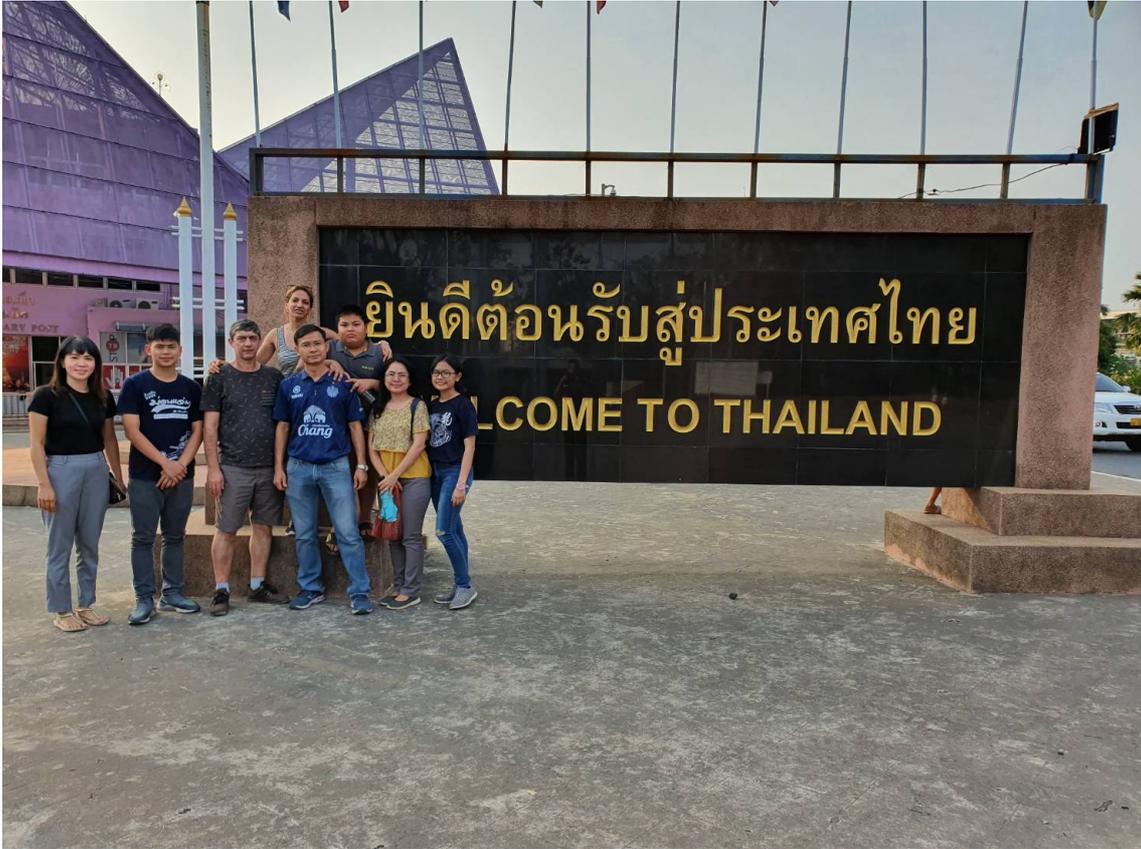
Lá – na divisa dos países – o pai de Siraphop conversa com o pessoal que trabalha na fronteira e daí nos autorizam a irmãos a um shopping e também a uma localidade onde há várias barracas – tipo camelôs – vendendo de tudo.

Neste lugar fomos acompanhados pela prima da mãe do Siraphop que trabalha ali e conhece bem o outro lado. Lá ela nos paga um café gelado e também água e alguns petiscos. Não nos deixa encostar na carteira e diz que “*é uma retribuição pela nossa visita à Tailândia*”.

Vimos diversas cargas de produtos primários entrando na Tailândia vindo do Laos, como numa das fotos abaixo no caso de tamarindo.







BANGKOK NOVAMENTE

Bangkok, ainda bem que conseguiram simplificar o nome dessa capital, porque se tivéssemos que falar todo seu nome no original (o nome mais extenso do mundo) jamais se pronunciaria. Seria assim:

Krung Thep Mahanakhon Amon Rattanakosin
Mahinthara Ayuthaya Mahadilok Phop Noppharat
Ratchathani Burirom Udomratchaniwet
Mahasathan Amon Piman Awatan Sathit
Sakkathattiya Witsanukam Prasit.

Em português, pode significar:

"cidade dos anjos, grande cidade dos imortais, magnífica cidade das nove gemas, sede do rei, cidade dos palácios reais, lar dos deuses encarnados, erguida por Vishvakarman sob comando de Indra".

Já acomodados no hotel, falamos via whatsapp com o Igor na Rússia e a Raissa no Japão e contamos sobre os últimos dias com a família tailandesa.



Então terminamos de combinar com a tailandesa Friend para nos encontrarmos. Logo depois das 17 horas ela e sua mãe aparecem no hotel para podermos passear um pouco. Nos levam para jantar uma comida típica tailandesa. Não me perguntem o nome, pois não sei dizer. Depois vamos tomar sorvete (que também é bem diferente do nosso), com leite de coco e uns doces estranhos. Andamos de tuc-tuc e caminhamos bastante pelas ruas de comercio popular que estão lotadas de gente do mundo todo.



Num certo momento encontramos um vendedor de insetos e contra a vontade delas eu como um escorpião torrãozinho. Pensa na delícia que foi.





Continuamos nas ruas de comércio e andamos bastante e então voltamos ao hotel caminhando. Elas ficaram conosco um pouco mais no hall do hotel conversando sobre vários assuntos e quando nos despedimos, aquela tristeza costumeira na esperança de um novo reencontro.



Sáimos novamente à rua para que a Celma aproveitasse uma promoção de massagem tailandesa que tinha lá e uma limpeza de pele também enquanto eu fiquei olhando as apresentações de dançarinos e os mais diversos vendedores naquele local.



28 de Janeiro, nossa jornada pela Ásia está terminando. Que pena! Afinal foi uma das nossas melhores viagens.

Depois de um café da manhã reforçado naquele restaurante maravilhoso do hotel em que estávamos hospedados, seguimos para nossos passeios pela capital tailandesa. Nossa guia, Joy, fala um português arrastado pelo tempo que viveu no Brasil. Ela nos levou para quatro templos, um mais bonito que o outro, em Bangkok num dia que estava fazendo 39° C (trinta e nove graus) e uma lotação incrível de carros e pessoas nas ruas e nos lugares por onde passamos.



Visitamos – pela ordem:

O Templo do Buda Dourado ou Wat Traimit: Localizado em Chinatown, esse templo visto de fora não é dos mais bonitos, mas é lá dentro que você se surpreende: a maior estátua de ouro de Buda do mundo está ali, com 700 anos, 3 metros de altura e pesando 5.5 toneladas. A grande estátua era inicialmente coberta de gesso, para protegê-la de invasores, e só foi descoberta em sua forma original quando foi quebrada por acidente na década de 50.



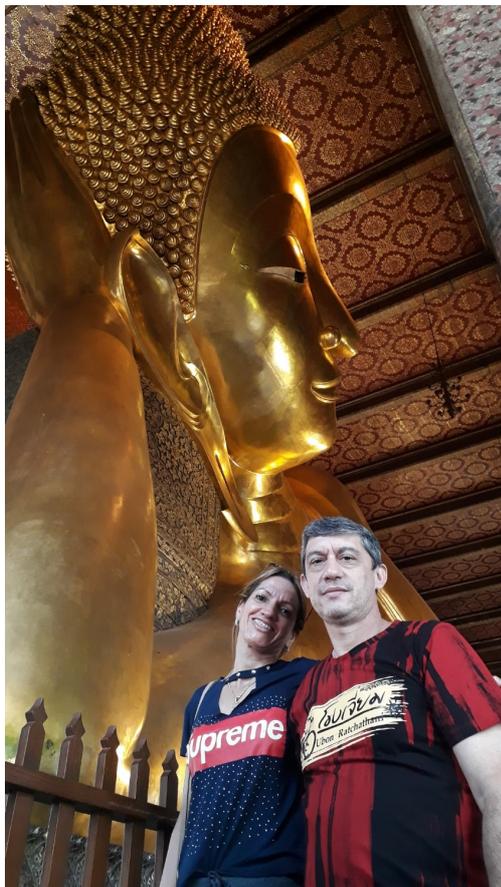
Templo Wat Arun – com uma enormidade de influência indiana: Wat Arun é um ícone de Bangkok. Está localizado ao lado oeste do rio Chao Praya, que corta a cidade, ficando do lado oposto do Grand Palace e do Wat Pho. Construído no século 17, o templo é composto de 4 torres cobertas de cerâmica chinesa. Você poderá subir a torre principal do Wat Arun. Tome um cuidado extra, pois as escadas são bem estreitas. Lá de cima se tem uma vista incrível do rio e da cidade (Old Town).





Templo do Buda Reclinado: Também conhecido como “templo do Buda Reclinado”, é lá que fica uma estátua do Buda folheada a ouro, que é um grande contraste com o Buda de Esmeralda do Grand Palace: o Buda Reclinado mede 46 metros de comprimento e 15 metros de altura. Os pés da estátua medem 4 metros e são decorados com madrepérola.

Se preferir também, poderá jogar moedas nos 108 potes de metal que ficam localizados atrás da estátua.





Templo Wat Phra Kaeo – Grande Palácio: Esse é o mais famoso e o mais importante templo da Tailândia. Ele fica no Grand Palace, que foi construído em 1792 e que tem uma arquitetura espetacular. A Família Real não mora mais lá, mas o local continua sendo um dos preferidos dos tailandeses – e dos turistas também.





No final do dia voltamos ao hotel, mas antes passamos em algumas floriculturas para comprar semente de Flor do Deserto e outras plantas, mas não encontramos as variedades que queríamos.

DOHA



Doha, capital do Qatar, onde será a próxima Copa do Mundo de Futebol. Tínhamos passado por aqui rapidamente pela necessidade da conexão de São Paulo para Tóquio, no voo de ida quando se iniciou nossa jornada.





Chegamos por volta das 23:55 horas local e rapidamente estávamos dormindo. Acordamos as 5:15 horas da manhã. Uma manhã incrivelmente fria.



Tomamos café que por sinal também era muito bom e caminhamos um pouco por perto do hotel, afinal só tínhamos nosso compromisso com o guia no final da tarde, por volta das 16 horas.



Vou lembrar novamente, talvez você tenha lido e não acreditou, mas em Doha estava frio, frio mesmo e tivemos que nos cobrir para dormir e assim foi a manhã do dia seguinte também. Frio mesmo.



Esta manhã, aproveitamos para reorganizar as malas.



Gostamos bastante dos lugares que vimos em Doha; museus, praia, barracas para churrasco e reunião com os amigos à beira mar, esplêndidas construções a cada centímetro da cidade, mercados, restaurantes, porto, entre outros.



Jantamos rapidamente e depois comemos mais um lanche no hotel. Estávamos prontos para deixar a cidade também, o que aconteceria na manhã seguinte.





No despacho das bagagens uma coincidência, nossas duas malas despachadas dão 22 quilos cada. E para não duvidarem, segue os tickets da Qatar.

QATAR AIRWAYS القطرية		QATAR AIRWAYS القطرية	
Passenger :	C / SANTANA DE OLIVEIR	Passenger :	W / DE SANTI VERONEZE
PNR :	Date :	PNR :	Date :
PY2HWE	30/01/2020 04:18	PY2HWE	30/01/2020 04:17
Flight No. Destination :	773 GRU	Flight No. Destination :	773 GRU
Baggage 1 of 1 :	Weight : 22kg 0157377776	Baggage 1 of 1 :	Weight : 22kg 0157377775
Thank you for using the self bag drop.		Thank you for using the self bag drop.	

SÃO PAULO

Agora estamos em casa. Sorrisos. Ironia apenas. Já percebemos.

Bem, depois de tanta coisa boa, chegamos ao Brasil de volta e já percebemos que estávamos mesmo em nosso país, onde as coisas – por mais simples que sejam – não andam como deveriam; são desorganizadas, enroladas, as pessoas não demonstram vontade de mudanças e já sentimos saudades lá de fora.

Rapidamente do aeroporto de Guarulhos:

1 – Para a Copa de 2014 este aeroporto passou por uma reforma que na verdade foi feito uma gambiarra para um novo terminal – estranho;

2 – Não há carregadores de celulares a disposição dos clientes;

3 – Cadeiras ou poltronas para descanso pode esquecer;

4 – Voos constantemente atrasados, sem qualquer sentimento de vergonha;

5 – Gritaria constante entre clientes, funcionários das companhias e por ai afora;

6 – Os portões de desembarque e embarque são utilizados ao mesmo tempo: assim enquanto a fila para embarque está formada, os passageiros que estão desembarcando atravessam pelo meio dela sem qualquer constrangimento;

7 – Alteração por quatro vezes do portão de embarque;

8 – Filas para embarque muito mal organizadas e uma tomando o espaço da outra;

9 – Lá fora a separação para embarque é feito da seguinte forma: “Economy” e “outras classes”, aqui é separada por “1ª classe”, “com bagagem” e “sem bagagem”;

10 – Quando do check-in não definem para o despacho da bagagem de mão e tentam isto, de forma gratuita, quando os passageiros já estão alinhados na fila de embarque.

Mas com tudo isto embarcamos com mais de hora de atraso com destino à Campo Grande. O voo foi tranquilo e chegamos muito bem. Dormimos na capital sul-mato-grossense e no dia seguinte, 31 de janeiro, seguimos para nossa cidade de Dourados, onde abrimos o portão de nossa casa as onze horas da manhã.

A viagem foi de maneira geral, muito tranquila, com muito conhecimento, com muita alegria, reencontros, novas amizades e aquele sentimento de que poderia durar um pouco mais.

Mas vamos pensar na próxima viagem. Obrigado.

FIM

Pisamos em solo brasileiro em 30 de Janeiro, em nossa casa em 31 de Janeiro e nossa filha chegou por aqui – retornando de seu intercambio – em 03 de fevereiro, mas o relato de seu intercambio será descrito em livro próprio conforme dito no início deste livro. Então tiramos a foto abaixo para enviar para as famílias dela no Japão, através do aplicativo Line.



Capa: Templo do Céu em Pequim, foto de 24 de Janeiro de 2020.